

ASSIGNATURAS

Pagamento adiantado

Portugal e Hespanha, anno 1530;
semestre, 650; Colonias portu-
guesas, 25000 ou 15300 pagos
em Aveiro. Extrangeiro, exco-
ptuando Hespanha, 25500 for-
tes.

Numero avulso 20 reis

Redacção e administração

Rua d'Arnellas—Aveiro

O DE AVEIRO

Publicações

No corpo do jornal 120 rs. a li-
nha. Pagina de annuncios 40
rs. a linha. A linha é contada
em columna de annuncio.

Composto e impresso na tipogra-
phia a vapor de Antonio Con-
ceição Rocha—Rua d'Arnellas,
69—AVEIRO.

Publica-se aos domingos

Com a colaboração effectiva de **HOMEM CHRISTO**Proprietario, Director e Editor — **ANTONIO CONCEIÇÃO ROCHA**

MAU JOGO!

Quando eu encetei a publicação d'este sema-
nario, não faltaram pulhas a dizer que o meu
propósito era approximar-me dos republicanos.
Pulhas monarchicos e pulhas republicanos. E
ainda mais os pulhas monarchicos do que os
pulhas republicanos.

Ha trinta e seis annos que eu combato ma-
landros sem descanso. Ha trinta e seis annos
que eu digo verdades profundas. Ha trinta e
seis annos que eu estudo os problemas nacio-
naes e digo a unica maneira de os resolver.
Os factos vieram sempre em meu reforço, dan-
do-me razão. Sempre! Com uma precisão ma-
themática que me faz passar por burro para
muita gente.

Nestes trinta e seis annos nunca tirei com-
missão, nem emprego publico. Não se pode
considerar emprego publico de favor, e é nesse
sentido que eu emprego o termo "emprego pu-
blico, a patente militar que, independente da
boa ou má vontade fosse de quem fosse, ob-
tive nas condições da lei, depois de fazer o meu
curso. Favor seria a commissão remunerada, se
eu alguma vez houvesse servido fora dos regi-
mentos, como succedeu com tantos e tantos
que, sem vaidade, não valiam mais do que eu.
Antes muitos d'elles, ainda sem vaidade, va-
liam menos do que eu. Servi, porém, sempre
nos regimentos e ahi prestei serviços indepen-
dentes d'aquelles que o regulamento me im-
punha, e que se representavam pouca intelligen-
cia, representavam, pelo menos, muitissimo tra-
balho.

Nesses trinta e seis annos nunca fiz chan-
taje como jornalista, ninguém a ponde provar
e nem sequer enunciar. Fui sempre a traz do
que me impunha a razão, succedesse o que suc-
cedesse, ou d'aquillo a que me arrastavam as mi-
nhas paixões. Nunca adulei ninguém, nunca
me approximei de ninguém, nunca fiz o jogo
de ninguém, antes pequei pelo defeito contra-
rio. Censurei muito e afastei-me de tudo e de
todos. Nunca tirei cinco reis illicitamente fosse
a quem fosse, e, feita a liquidão final do que
perdi e do que gahiei, o balanço dá-me um
enorme deficit de sacrificios, de abnegação, de
trabalho e de dinheiro.

Tudo isto bastaria para que patife nenhum
se atrevesse a duvidar da minha sinceridade.
Patife nenhum! Mas tamanha é a má fé e o
impudor n'este paiz de malandros, gangrenado
até os ossos, afundando-se em estupidez e em
desdor, tão incapaz de qualquer manifesta-
ção de virtude, que nem a virtude, seja qual
for o seu aspecto, comprehende. E assim, repi-
to, houve pulhas, pulhas republicanos e pulhas
monarchicos, tão ignobéis uns como outros, se
não estes mais ignobéis do que aquelles, e
mais repugnantes, que, fechando os olhos per-
didamente a tantos actos e factos que me abo-
nam, ainda pensaram e disseram que o meu
fim, levantando a bandeira patriótica, era
approximar-me dos republicanos.

O desprezo crescente com que eu olho todos
estes miseráveis! Conjunctamente estupidos e
canalhas. E tão crescente, que até recio que
me afogue. Não ha de, ser do contacto com
elles, não, descanço, que ha de vir a minha
morte. O nojo que elles todos me inspiram
é que talvez me afogue.

Mas bem. A propria maledicencia estúpida
e má ha de ter visto, ao fim de seis mezes,
faz depois de amanhã seis mezes que se pu-
blicou o primeiro numero de *O de Aveiro*, que
não tinha razão para abocanhar. Não me ap-
proximei de ninguém. Estou onde estava. Não
longe d'uns como d'outros. E cada vez mais
longe d'uns e d'outros. Apenas creci auctorida-
de, mais auctoridade, para descarregar sobre
todos com maior força, ainda, este azorrague.
O que bem necessario se torna, pois de dia
para dia é mais vergonhoso e affrontoso o es-
pectaculo.

Isto já não é inconsciencia, termo periphra-
stico com que se encobre a infamia a cada pas-
so. E' commum entre nós dizer-se inconscien-
te onde se deve dizer infame. Não é incon-
sciencia. E' cynismo, é vileza, é infamia. Quem
ignora que a Alemanha nos declarou guerra?
Quem ignora as coisas pavorosas que d'ahi po-
dem resultar? Todavia, uns procedem como se
vivessem longe de todas as preocupações. Já
não quero dizer perigo. Outros fazem todo o
possivel por sahirmos do conflicto esmagados.
E' inconsciencia ou é infamia?

Chego a duvidar que haja patriotas em Por-
tugal. Se os ha, concordarão comigo que é
mais do que infamia; que já não ha termos na
nossa lingua para o significar.

E' horrivel. Bem pensado, é horrivel.

Mas, ao ouvi-los, ninguém os leva presos.
São todos patriotas! Leiam o *Diá*, leiam a *La-
ceta*, leiam a *Nação*. Leiam a *Montanha* e a su-
pessima *Lanterna*. Todos patriotas! E grandes
patriotas! Cynicos trintantes.

Os republicanos da facção demagogica andam
mal. E' canalhice e estupidez andar, provocan-
do os adversarios. Mas os camachistas e os ca-
padocios andam peor. Muito peor. A provoca-
ção da demagogia não é motivo para a sua at-
titude indecorosa. Aqui estou eu, a quem elles
insultam a toda hora. Respondo-lhes a chicote,
mas nem por isso altero a minha linha patrio-
tica.

Fizessem o mesmo. Se respondessem á
demagogia com um chicote, dando ao mes-
mo tempo provas de dedicação á patria, eu

lhes garanto que conservariam toda a sua au-
toridade. Mas se fazem justamente o con-
trario? Os ataques da demagogia servem-lhes
apenas para justificar a sua traição miseravel.

Traição constante, permanente, seguida desde
o principio com inalteravel tenacidade. Elles é
que alimentam a campanha demagogica. Os de-
magogos temem muita razão quanto allegam que
por mais concessões que fizessem aos capadocios
nunca elles deixariam de conspirar. E' uma
grande verdade.

Os camachistas só tem um fim: derribar o
governo. Os capadocios só pretendem derribar
a republica. Mas o facto é que com a guerra
declarada uns e outros só conseguiram enterar
a patria. Se cahir o governo ou se cahir a re-
publica salvamos-nos das consequências da guer-
ra que está declarada? Eu acho graça, chego a
achar graça, aos camachistas, quando elles de-
clararam que a *União Republicana*, com letra gran-
de por causa dos immortaes principios, está
pronta a governar. Só se os democraticos e os
evolucionistas não lhes seguirem o exemplo!
Julgára o sr. Brito Camacho que basta o pre-
stigio da sua intellectual pessoa no poder para
que os monarchicos deixem de conspirar? Por-
que hão de deixar os evolucionistas e os de-
mocraticos de fazer contra a *União Republica-
na* no poder o que contra elles tem feito na
oposição os partidarios do sr. Brito Camacho?
Estabelecido o precedente que os capadocios,
não digamos os monarchicos para não tornar
responsaveis todos os monarchicos, e os cam-
achistas estabeleceram, tornou-se impossivel a tal
União Sagrada.

Elles attribuem ao governo o fracasso da
União Sagrada. Mas eu vejo que se todos fi-
zessem como eu a *União Sagrada* era um fa-
cto. Não ha ahi ninguém, mas ninguém, que
recebesse os agravos que eu recebi dos repu-
blicanos. Ninguém. Quem é o camachista, quem
é o capadocio, desde o marechal ou rei dos si-
ctos até o ultimo subdito ou soldado, contra o
qual os republicanos commettessem as iniqui-
dades, as perseguições, as infamias que com-
mettem contra mim? No entanto, e sem de-
ixar de repellar a chicote as investidas demago-
gicas, o que nenhum dos capadocios é capaz de
fazer, eu sou o soldado mais fiel da *União Sa-
grada*. Eu não invoquei nem invoco os meus
agravos para deixar de servir a minha patria.
Eu não apresentei nem apresento condições pa-
ra cumprir o meu dever de patriota. E sabem
onde vem a differença? Da coisa mais
simples do mundo; eu sou sincero e elles são
hypocritas.

Eu não aspiro a constituir governo, nem com
monarchia, nem com republica. Nem sequer a
ser regedor de parochia. E a esses bandidos só
os dominam ambições baixas, sordidas, misera-
veis.

O governo andou mal. Mas não era agora o
momento de abrir guerra contra elle, sob pena
de nos esfrangalhar. Não morreríamos com
brio ás mãos d'extranhos para morrerem com
ignominia ás possas proprias mãos. Se o go-
verno andava mal, que andassem nós bem, e
salvaríamos, que era d'isso que se tratava, a
dignidade nacional. O governo andou mal. Mas
os camachistas nunca se lavaram da macula da
sua propaganda systematica contra a guerra.
Que importa elles negarem-no! Também os mo-
narchicos negam que houvessem conspirado.

N'um paiz de egoistas e poltrões, a propa-
ganda contra a guerra era inutilizar-nos. No
exercito e fora do exercito, ninguém se queria
incommodar, ninguém se queria arriscar. E li-
sonjeou ou acariaciou essa tendencia era o maior
dos attentados. Paiz de pulhas, de fanfarrões,
sempre falando em duellos, cacetadas e fac-
cadas, sempre arrotando valenticos, facéis valen-
ticos, e tremendo de medo quando era preciso
arriscar a sério a vida na defesa da patria. Mi-
seráveis!

Commetteram essa infamia os camachistas e
seguiram-nos os monarchicos capadocios. Os
monarchicos capadocios, como os camachistas,
empregaram a covardia geral como arma de
guerra contra a republica. Todas as razões que
elles apresentaram e apresentam são pretextos.
Conheciam o espirito commodista do paiz,
abjectamente commodista, e com elle especula-
ram.

Para quê? Oxalá que esse jogo lhes não
seja fatal. Eu tenho fé no povo. Creio firme-
mente que elle, e só elle, va de novo salvar
a nossa patria. Mas se porventura se deixasse
levar pela especulação dos miseráveis, eu sem-
pre queria ver como os bandidos, elevados ao
poder se o exercito se negasse a ir para a
guerra, desenvincilhavam a meada.

Eu não attribuo culpa nenhuma ao governo
na nossa participação na guerra porque, para
mim, esta sempre foi fatal. Mas em todo o
caso, e fosse qual fosse a culpa do governo,
agora só ha um remedio, é marchar. Em guerra
com a Alemanha, e abandonados pelos al-
liados, era uma vez Portugal.

Se ha covardes e pulhas que não veem isto,
nem a força seria castigo sufficiente para esses
miseráveis.

Homem Christo.

"O DE AVEIRO,"

Encontra-se á venda nas princi-
paes cidades e villas do paiz.

PATIFES!

Lê-se no *Diá*:

Cada vez nos parece mais estranho o facto
de se não organizar o voluntariado portuguez
para a guerra europeia, na qual hão-de tomar
parte, indo na vanguarda das tropas portu-
guesas e para onde a luta seja mais accessa, os
amigos da Servia, que por ahi andaram ha mezes
em ruidosas manifestações e tantos outros pa-
triotas que deveriam ser os primeiros, para lus-
trar da republica, de que são defensores, a mar-
char para o theatro da guerra—que é a aqui a
pharse consagrada pela lei da pena de morte.

Ainda ha poucos dias um voluntario portuguez
que regressou da França, contava nos jornaes
que dos 45.000 voluntarios da légio estrangeira
que se batiam em França, já morreram ou de-
sappareceram 43.000!

Maior razão é esta para que aos 2.000 que
restam vão juntar-se tantos amigos da Servia—
que decerto não andaram por ahi a dar vivas á
guerra... para que fossem os outros e não elles
morrer pelo Direito, pela Liberdade e pela Civi-
lização. A iniciativa deveria ser tomada pelos
centros democraticos e evolucionistas e mais de-
fensores da republica para em poucos dias,
quando não possa ser em poucas horas, par-
tir para a guerra e irem até onde mais de-
pressa possam combater e seria decerto acolhido
com geral applauso. Como propaganda, valeria
muito mais do que todos os comícios da Bata-
lha...

Não basta ir parolar para a Batalha. Mas
será um grande exemplo a ida dos voluntarios
para as batalhas, a buscarem a morte ou a
gloria. A differença é grande e a distancia não
é curta e como já estamos em guerra desde mar-
ço, ha seis mezes, não tem faltado o tempo para
se organisarem essas legiões de puros patriotas.

Patifes! Como elles fazem propaganda
contra a guerra!

A perfidia, o embuste, o sophisma são
manifestos. Nos paizes em guerra não ha
voluntarios. Ha casos especiaes de
offerecimentos, como, por exemplo, o
dos ex-officiaes monarchicos, que, aliás,
já parte tres ou quatro, contando com os
da casa do Senhor D. Manuel, se não
quizeram offerecer. Mas offerecimentos
em massa não ha. Para quê, se o gover-
no tem na mão determinar?

Mas para enredar tudo lhes serve.

Patifes!

Interessantes

O *Diá*, a *Laceta*, e outros, choram des-
ditas porque em Paris ninguém se lem-
bra de Portugal e ninguém faz caso de
nós.

Fazem o mal e a caramunha! Se as
citadas gazetas não tivessem feito uma
furiada campanha germanophila, em ge-
ral, e em especial contra a nossa parti-
cipação na guerra, com certeza que todos
os alliados se lembrariam mais de nós.
São impagáveis!

Boa Doutrina

O *Povo de Agueda*, semanario repu-
blicano, transcrevendo alguns trechos
d'um artigo que aqui publicámos, comen-
ta:

A guerra feróz que alguns degenerados
estão promovendo contra os monarchi-
cos e catholicos, é tudo quanto ha de
mais absurdo, mesquinho e anti-patrioti-
co. Que se vijem, que lhes sigam os
passos ou maneios, está bem, muito bem,
mas que constantemente se fustiguem,
quando se aproximam; que se corram a
ponta pés, quando nos offerecem os seus
serviços; cuspidos, infamados, por todos
os feis patifes que ainda ontem á som-
bra da monarchia se confessavam seus
feis servidores, não pode ser.

Nesta hora de sacrificios, a patria é
de todos nós. Todas as fortalezas são neces-
sarias, todas as boas vontades se devem
unir sob a mesma bandeira, a bandeira
da patria livre que deve concentrar a as-
piração de todo o bom portuguez.

Os verdadeiros republicanos, os sinceros
republicanos, os que verdadeiramente
amam a sua patria, não podem pro-
ceder tão vilmente, como o estão fazen-
do esses que se dizem patriotas, mas só
do estomago e arranjos. Não pôdem.

Eis a boa doutrina.

A Pena de Morte

O sr. Brito Camacho, e com elle todos
os que gritam contra a pena de morte,
é partidario do assassinato dos homens
honestos e adversario da pena de morte
contra os assassinos

O cidadão Brito Camacho, aliado dos
capadocios, idolo agora de todos os
germanophilos, isto é, de todos os valen-
tões de farda e sem farda que tem
medo d'ir para a guerra, de todos os
traidores que poem interesses de qua-
drilha acima dos interesses da patria,
é o auctor dos *Dois Crimes*. Ora o que
vem a ser isso dos *dois crimes*? A que
chamou elle *dois crimes*? A execução
de Bressi, o assassino do rei Humberto,
e a execução de Caserio, o assassino do
presidente Carnot.

Vejam bem! Para o grande homem
de estado, que se promptifica agora a
constituir governo só com a *União Re-
publicana*, e que admittia que o exer-
cito portuguez pudesse ser recebido sem
a pena de morte pelo exercito inglés,
seu aliado, não era um crime a morte
de Carnot, nem a morte do rei Hum-
berto. *Crime*, era a morte dos assassi-
nos do rei de Italia e do presidente da
Republica francesa. Admiravel moralista,
justiceiro cidadão e grande homem d'es-
tado!

Dizia elle:

A morte recente do rei Humberto, largamente
chorada por todas as carpideiras d'officio, agu-
çou-me a curiosidade de ler umas cousas que
escrevera em tempos, ha uns seis annos, quando
foi do assassinato de Carnot, rachado na fígadeira
por um punhal anarchista.

Como quer que essa leitura me não deixasse
mal impressionado, pois ainda hoje sinto e penso
como então pensava e sentia, resolvi arrancar o
meu pobre escripto ás columnas já esquecidas do
jornal, e mandal-o correr mundo em folheto mo-
destissimo.

As carpideiras d'officio! A fígadeira
de Carnot! Tal era o desrespeito com
que tratava os *collegas*, este futuro pre-
sidente da republica.

Mas continuemos a ouvir o homem.

Mas queira reparar, burguez amigo. —Esse mi-
seravel que o senhor acaba de entregar á justiça,
que por sua vez o entregará ao carrasco, teve
origem n'um capricho d'amor, e nasceu n'um lu-
panar. Os seus primeiros annos correram no meio
da crapula. A sua alma juvenil foi-se formando
ao contacto de todas as podridões, n'uma atmos-
phera de vícios, a inquinar-se de todos os germes
do crime, que fermentam na taverna. Quando era
necessario fazer d'elle um cidadão; quando era
preciso preparal-o para as luctas da vida em
concorrença honesta e leal, a sociedade abando-
nou-o á miseria da sua condição, o vil, o paria!
Mas agora que elle se levanta contra a socie-
dade, pretendendo vingal-o crime do seu aban-
dono, ancioso d'uma justiça que sonhou no seu
antro, illuminando a escuridão do seu espirito
com reverberos de sangue, agora a sociedade re-
para n'elle, como se nunca o tivesse visto, e pede
que o regenerem, cortando-lhe a cabeça, e dá
esgotá a sua dor em uivos de revindicta.

E é essa sociedade, impudica como uma patricia
romana, hedionda como uma metrezsyphylisada,
que o amigo burguez pretende impôr á nossa
respeitosa consideração, ao nosso acatamento e
estima. —Como se podesse descer até essa vilania
a generosidade d'uma alma honesta, as sagradas
rebeldias d'um espirito emancipado!

Escusam de me dizer que as coisas são o que
são, que eu estou farto de encontrar esse aldis-
simo conceito philosophico na bocca de muito
ladroão impudente, zurrado por muita cavalgadura
feliz. O que é preciso é que as coisas sejam o
que devem ser, e os que não trabalharem para
esse ideal de justiça, rebaixam a dignidade huma-
na — são elles que afiam os punhaes e engatilham
os revolvers de que se servem os anarchistas.

Enchamos de luz todas essas cavernas, onde
nunca é dia; façamos de cada lar um santuario,
de cada homem um trabalhador, de cada traba-
lhador um irmão, e nunca mais o punhal de Ca-
serio ou o revolver de Bressi despacharão d'esta
para melhor os grandes e poderosos senhores do
mundo.

Sejamos bons, que a bondade é uma força.

Sejamos justos, que toda a força é abominavel

se não servir a justiça.

Aqui tem, illustre capadocio e illus-
tres germanophilos, para que elle quer
constituir governo só com a *União Re-
publicana*. E' para fazer de cada lar
um santuario, de cada homem
um trabalhador, de cada trabalhador
um irmão. E' para erguer a força
contra os burguezes, ó illustres capado-
cios, ó illustres germanophilos, ó la-
drões impudentes, ó cavalgaduras
felizes. Isto de ladrões impudentes e
de cavalgaduras felizes era e é convos-

co, illustres capadocios, illustres germa-
nophilos.

Vá, ladrões impudentes. Vá, cavalga-
duras felizes. Toca a elevar o homem
ao poder. E não iremos para a guerra!

Não trema, burguez amigo, que o caso não é
para isso.

Destrua as suas riquezas; roube e seja phy-
lantropo; feche as escolas e mande abrir egrejas,
que ahi está o exercito, brioso e aguerrido,
prompto a manter a Ordem — condição indispen-
savel para se dar ordem á vida.

Que importam á felicidade dos poderosos as
agonias da canalha? — Ha muitas boccas sem pão?
Ha muitos braços sem trabalho? Ha muitos cé-
rebros sem luz!

Olá, fieis depositarios da força!... Amordecem
essa gente que protesta, que a noite vem cahindo
serena e mansa, e S. Omnipotencia — A Burguezia
— sente pesar-lhe nas palpebras a languidez inde-
finivel dos sonhos cõr de rosa.

Não lhe perturbemos o sonho...

E' forçoso chamar quanto antes o sr.
Brito Camacho ao poder. E' a era da
paz que começa para o desditoso Portu-
gal. Da paz, da bondade e da justiça.
Não disse, elle, como se viu na transcri-
pção anterior: *Sejamos bons, que a bon-
dade é uma força? Sejamos justos, que
toda a força é abominavel se não servir
a justiça?* O sacrario de bondade e de
justiça que está n'aquelle cidadão! Ele-
vem-no quanto antes ao poder, ó ladrões
impudentes, ó cavalgaduras felizes! Va-
mos, que é preciso fechar as egrejas. O
mal estava nas egrejas. O ladrões im-
pudentes, ó cavalgaduras felizes, olhai
que o mal estava e está nas egrejas!

Vamos, que é preciso que o burguez
deixe de ser ladrão e phylantropo. Va-
mos, que é preciso que o exercito não
mantenha a ordem entre a canalha, nem
amordace os assassinos que protestam,
emquanto a Burguezia sente pesar-lhe
nas palpebras a languidez indefinivel
dos sonhos cõr de rosa. Chamado ao
poder o sr. Brito Camacho, o exercito
não vae para a guerra, nem dá taponia
na arraia miuda. A sua missão é outra.
E' fechar as egrejas, é pôr cõbro ás la-
droiras e á estupidez dos ladrões impu-
dentes e das cavalgaduras felizes.

Que mais quereis, capadocios civis e
militares, germanophilos clerigos e lei-
goes?

Tudo isso que ahi fica dizia Sua Ex-
cellencia no prologo do folheto, onde
collecionou os dois artigos. Vejam agora
a doutrina dos artigos:

O assassinato de Carnot foi uma desgraça, mas
não foi uma surpresa. Nunca o illustre extinto
se excusara a assignar uma sentença de morte; e
se este procedimento do saudoso presidente reve-
lava para nós o seu respeito pelas decisões dos
tribunaes, é á nitida comprehensão do seu papel
de simples elemento de ponderação entre os di-
versos poderes do Estado, para os anarchistas elle
deveria significar meramente uma cumplicidade
nos crimes da burguezia, e desafiá-lo, por isso
mesmo, os seus desejos de vingança. Ao saltar
para o outro mundo pelo anel da guilhotina,
Henry jurou que seria vingado, e sem duvida
essa ameaça fez-se ouvir no Elyseu.

Chefe d'uma sociedade egoista, que o anar-
chismo pretende destruir para refazer, não tendo,
além d'isso, suspendido nunca o ferro da guilho-
tina no momento em que ia decepar uma cabeça
abrazada no fogo d'um ideal incerto, o presidente
Carnot estava naturalmente indicado á explosão
d'uma bomba, ou á ponta d'uma navalha.

O presidente Carnot estava natural-
mente indicado á explosão d'uma bomba,
ou á ponta d'uma navalha! E' a plena
justificação do crime. Que elle completa-
va n'estes termos insignes:

Desculpe, burguez amigo; mas esse rapazola
que cravou um punhal na fígadeira de Carnot, á
vista de toda a gente, em plena luz do dia, é
mil vezes mais digno da nossa consideração que
todos esses conselheiros que por ahi traficam na
politica, illudindo as disposições do código penal
com as facéis habilidades d'uma consciencia pro-
stituida.

O Rei dos Capadocios, ó venerandos
da *Nação* (gazeta), ó ladrões impudentes,
ó cavalgaduras felizes, ó conselheiros
traficanes e de consciencia prostituida!

E é aquelle bandido, e são todos estes
bandidos quem levanta agora as maio-

REPUGNANTES PULHAS!

As ultimas pachochadas do Julio Ribeiro tem o valor das anteriores. Como dissémos, e como os leitores tem visto, o tratante não responde, que não sabe responder; não discute, que não sabe discutir; não se defende, que é incapaz de se defender. Nem ataca. Escarra-palavrões desconexos, que elle supõe injuriosos, e sandices.

Em si, pois, e também já o dissemos, só merece desprezo. Mas o miseravel, e voltamos a esse ponto importante, representa o partido republicano democratico do Porto, onde é uma das primicias figuras.

Estou convencido de que não falta n'esse partido quem reconheça a insignificancia moral e intellectual do garoto. Mas é exactamente n'isso que consiste a fraqueza do regimen. A fraqueza do regimen vem-lhe do predomínio do garoto, do asno, do bandido e do biltre. Pode lá ser, que seja tudo como o Julio Ribeiro no partido republicano democratico do Porto! Eu não conheço as figuras dominantes que esse partido tem hoje no Porto. Nem esse, nem os outros grupos da republica. Mas, por muito mais que ellas sejam, não de ser todas, necessariamente, superiores ao Julio Ribeiro.

E' que este bandido não tem nada que o recomende. Podia ser estúpido e ser honesto. Podia ser malandro e ser intelligente. E, sendo malandro e besta como é, podia ao menos ser um velho republicano, o que, não sendo motivo para que lhe dessem importancia, podia ser motivo para que o tratassem com alguma complacencia.

Mas nenhuma d'estas circunstancias se dá com o grande biltre. E' um traste abjecto. E' um imbecil ordinario. E' um republicano de ha dois dias. Ainda nas vespéras da proclamação da republica engraxava as botas aos chefes monarchistas. Que o distingue, pois? Só a mais reles, alvar, suja e safada garotice. Eis o estigma do regimen! Eis o que o mata! Eis o que afasta d'elle meio mundo! Correm-se todos, um por um, e, em regra, encontram-se garotos, garotos da peor especie, repugnantes, vis.

Porque não ha outra gente no proprio partido republicano democratico, que foi o que teve a desgraça de receber essa escoria? Ninguém o acredita. Não. Não é por isso. E' por este fatalismo de raça, esta covardia nata, este relaxamento hereditario, que fez sempre, e faz, com que o homem honesto cedesse o logar ao garoto.

O homem honesto em Portugal é um timido. E' o em toda a parte, dir-se-ha. Não é verdade. Sem duvida, o homem sério tem o pudor, em qualquer parte do mundo, que não tem o bandido. Sem duvida. O que se chama audacia no bandido é propriamente *impudor de bandido*. Mas entre o pudor e a covardia ha distancia, e distancia immensa. O pudor nunca excluiu, ao contrario, a energia. Na sua defesa, o pudor, a virtude, foram sempre de *invencivel energia*.

Em Portugal, não. O pudor deserta, foge, e estende as mãos, implorando piedade e prompto a todas as transigencias, se não pode fugir.

Isso é uma fraqueza d'educação ou de raça. Ou fraqueza d'educação e raça conjuntamente. Conheço homens, em quem eu suppunha qualidades de resistencia, homens de combate, envolvidos na politica, alguns que já estiveram na cadeia e no exilio, advogados, medicos, jornalistas, de vida limpa, que tremem com receio do mais asqueroso sapo da imprensa. Se fosse de um polemista de talento! De um homem superior na forma de pensar e poderoso na forma de dizer! Mas não. E' de lacraus nojentos, sem o minimo valor intellectual, sem o minimo valor moral, apenas com a desvergonha do garoto que pratica, rindo-se, os actos mais impudicos deante de gente.

Fraqueza vergonhosa, que faz nojo. Quasi tanto nojo como o impudor do garoto.

Ora eis a razão, creio que a unica razão, do predomínio de Julio Ribeiro e gaiatos equivalentes Mas, d'essa forma, o partido republicano nunca levanta cabeça. Nunca! E' arrasta, com grave prejuizo seu e da nação, uma vida impossivel.

Que se defenda dos monarchicos, ninguém lh'o pode levar a mal. Eu nada tenho nem quero ter com a republica. N'este periodo gravissimo que atravessamos, entendi, e entendo, que são criminosos todos os attentados contra a sua existencia. Combati e combato n'esse sentido energicamente. Mas, fóra d'isso, e embora democrata e preferindo em principio a republica á monarchia, não serei eu quem quebre lanças por *esta republica*. Justamente por causa de Julios Ribeiro e outros. Ha mesmo momentos em que digo: *que a leve o diabo e a todos estes pulhas*. E como eu ha muita gente. Ha muita gente, que sem ter pelos principios democraticos a sympathia que eu tenho, acceptaria, no entanto, se não fossem estes pulhas, sinceramente, e sem a menor reluctancia, a republica. Mas

com estes pulhas, estes garotos, estes monstros de porcaria, não. E' uma repulsa invencivel. E com muita razão. Ninguém a póde censurar por isso.

Mas, dizia eu, nada tenho e nada quero ter com a republica. A sua existencia, fóra d'este periodo, dada a gente que a povoa, é-me mesmo indifferente. Não obstante, eu não faço como a *Opinião*, gazeta que se diz republicana. Eu não digo aos republicanos que abram os braços aos capadocios e que confiem n'elles cegamente. Eu não aprego que nenhum português é capaz de faltar n'esta hora ao cumprimento dos seus deveres. Aprego-lo, ou é tolice ou perfidia. E eu não sou tolo, nem sei, nunca soube, atraiçoar ninguém. Falo, e falei sempre, pela porta deanteira. Portanto, defendam-se, previnam-se, desconfiem. Estejam alertas. Respondam com vigor e precisão á torpe propaganda capadocica. Mas uma coisa é isso, que é legitimo, necessario e legitimo, outra coisa é insultar os monarchicos por insultar, persegui-los por perseguir, cuspi-los por cuspir, o que é desnecessario, irritante e torpe. Não vão longe, creiam, por esse caminho.

Isto quanto aos republicanos, em geral, e aos do Porto em especial.

Quanto á população tripeira, não sei o que diga, alem do que já disse. Sem uma grande decadencia, merecedora de castigo, também não aturavam isso. Isso é uma vergonha! Uma população inteira, e de uma grande cidade, e de uma cidade com tão gloriosas tradições, a aturar meia duzia de garotos.

Tem por detrás d'elles, apoiando-os, as autoridades e a policia, diz-se. Tivessem o que tivessem. Se a população do Porto mantivesse as tradições de brio e energia que a historia justamente lhe assigna, essa infamia, que não tem outro nome, já tinha acabado ha muito tempo. E não era preciso fazer revoluções, nem impor-se com as armas na mão. Bastava que erguessem a cabeça com a coragem moral que é apanagio de todos os homens dignos.

Tem procedido, tenham paciencia, vergonhosamente.

Mas sobre isso falaremos n'outro dia.

Os agiotas

O *Seculo*, de quinta-feira, referindo-se ao assassinato de Pina Manique diz que este chegara a receber 500 mil reis por 80 contos.

Tudo é possivel n'este mundo. E a ser verdade, o que não nos repugna acreditar, demonstra que a agiotagem é um dos peores males d'este paiz. Não é, infelizmente, este o unico caso que se tem dado. Não. O paiz está cheio d'essas quadrilhas.

Uma gazeta de Lisboa publicou uma declaração de Pina Manique nos seguintes termos:

"Eu Diogo Nogueira de Andrade de Pina Manique, declaro que tendo feito as escripturas abaixo mencionadas, apenas recebi o que vou expor:

De José Severino Cotrim, escriptura réis 300000000, recebi 500000 réis!
Luiz Manoel Solheiro, réis 120000000, recebi 350000 réis.
Joaquim Duarte, 125000000 réis, 600000 (recebidos).

José Antonio Fernandes Guimarães 106703740. Recebi réis 18000000.

Francisco Joaquim da Silva, 244000000. Recebi 350000 réis.

Agnes Antunes e Francisco Joaquim da Silva 250000000 réis. Recebi 220000 réis.

João Nicolau dos Santos, réis 218000000. Recebi 800000 réis.

Diogo Nogueira d'Andrade Pina Manique. (Segue o reconhecimento, sellos, etc.)

E' bem verdade que Pina Manique era um desequilibrado. Todavia devemos ter como certa tal declaração. E porque não? Acaso essa infame agiotagem era incapaz de tamanhas roubafeiras?

Profundamente convencidos da veracidade da declaração, acreditando piamente n'ella, é com a maior energia que reclamamos medidas tendentes a acabar com semelhantes abusos. Não comprehendemos mesmo que ainda não houvesse um pouquinho de bom senso da parte dos homens que tem governado este pobre Portugal, que não se tivesse pensado a serio n'este processo de ladroeria. Isto não pode ser; isto não pode continuar. E' preciso tomar providencias, evitar que essa cáfala de bandidos continue praticando infamias como a de agora.

O que se passou com o assassinato de Pina Manique é tudo o que ha de mais repugnante. Morreu explorado escandalosamente; morreu ás mãos dos exploradores.

A agiotagem representa um perigo grave para a vida da nação. Mas este perigo já vem de longa data. Não é raro encontrar-se desgraçados que recebem 10 mil reis por um conto de reis!

Sim, ha uma lei que manda prender a creatura que rouba um par de botas;

ha uma lei que manda prender a creatura que rouba um relógio; e não ha uma lei que reprima a agiotagem, esse processo de ludibriar desgraçados a quem apanham aos contos de reis!

Ha falta de dinheiro? Não, para os agiotas. Esses tem-no quando querem. E todavia continuam gosando o ar puro da liberdade, passeando, e convivendo na melhor sociedade.

Não pretendemos entrar no relato do crime porque está já sufficientemente no conhecimento dos leitores. Não vamos fazer um relato da agiotagem. No entanto, sempre diremos que ella representa uma ameaça á vida economica do paiz e que de forma alguma se deve descurar este caso odioso e infame.

Haja remedio para taes bandidos.

Sempre os mesmos

Aboliram a pena de morte na Constituição para *armar ao effeito*, pois era manifesto que em tempo de guerra ella teria que subsistir. E *armando ao effeito* a restabeleceram. A restrição *ao theatro da guerra* é ridicula.

Do mal o menos. Mas é ridicula. Como já aqui dissémos, não faltarão traidores, nem faltam, e covardes, cá dentro. Nem faltarão patifes que prefiram ir para a Penitenciaria a ir para a guerra.

Tudo por meias doses! Tudo a fingir! Tudo a medo!

Sempre os mesmos.

O Joaquim de Mello

O nosso Joaquim de Mello, coitado, veio para cardar e foi cardado. Como aliás succede a todos. Não por nós sermos *grande polemista*, que não somos, é claro, pois o sceptro pertence aos da *Vanguarda*, aos da *Lanterna*, bi-partido, e o coto para o Costa Almeida, ou Almeida Costa, ou Costa Zé Almeida, ou Zé Costa Almeida, já não nos lembra; mas pela razão que nos assiste.

A *Revista Gráfica*, órgão da Liga das Artes Gráficas do Porto, escreve:

Os incentivos que até nós chegam e as communicações já recebidas, levam-nos a concluir que a nossa iniciativa calou profundamente no animo de todos aqueles que entendem não poder, pelo menos com o seu assentimento, continuar a classe a ser vitima de torpezas e vexames sem nome, que estamos resolvidos a pôr a nú, custe a quem custar, doa a quem doer.

Serenamente, pois, e com a calma indispensavel a quem se propõe cumprir um dever, vamos principiar hoje, como nos propuzemos, a tornar conhecida da classe uma série de vilanias sem nome, praticadas por uma criatura que surgiu não sabemos de onde, a quando do Movimento de Agosto e que nas assembleias magnas da classe realizadas por essa ocasião, se tornou bastante conhecida e notada, pois não houve uma unica sessão em que essa criatura não fizesse uso da sua *fluente* palavra para apresentar propostas ou alvites, qual deles o mais *revolucionario*, chegando a convencer aqueles que o não conheciam e que eram a maior parte, de que estava ali um autentico revolucionario e um impoluto caracter.

Mas não nos alonguemos em considerações e tornemos desde já conhecido dos colegas o nome do *intemperato* defensor da classe gráfica, a quando do movimento pró-8-horas.

Dá essa criatura pelo chamadouro de Joaquim de Mello, e já quando daquele movimento se tornaram notórias umas patifarias por elle cometidas em Aveiro e que visavam a prejudicar um nosso prezado colega, e de que elle tentou defender-se chamando em seu testemunho um daqueles que agora vilmente denuncia.

Quando o movimento estava na sua fase mais aguda, isto é, depois de aprovada a lei no Senado, e os industriaes se propunham fazer valer o desconto de 20 por cento nos nossos *enormes* salários, o *genial* orientador Joaquim de Mello veio dar conhecimento á classe de que se retirava para Aveiro a chamamento dum industrial que ali lhe proporcionaria trabalho.

Por lá se quedou uns dias, e quando o movimento ainda não estava terminado ele ali surge outra vez, não sabemos a que pretexto. Perguntado nessa ocasião sobre como corriam as coisas em Aveiro no que respeitava ao cumprimento do horario de trabalho, fez a declaração de que logo que lá chegou tinha imposto ao industrial que não trabalharia, nem consentiria que se trabalhasse mais do que o determinado na lei porque ele tanto se *esforçara* para que fosse posta em execução.

Ainda dessa vez conseguiu convencer aqueles que de boa fé o tinham acreditado, de que da sua *coerencia*, como da mulher de Cezar, não era lícito duvidar.

Depois de tudo isto, meses passaram sem que desse *amigo* da classe gráfica portuense se tornasse a falar. Ha pouco tempo, porém, soubemos que ele tinha regressado a esta cidade e coincidindo com esse regresso viamos no jornal *A Montanha* o seguinte anuncio:

AOS TIPOGRAFOS

Ninguém vá trabalhar para a tipografia Homem Christo, de Aveiro, sem primeiro tiar informações com o ex-encarregado Joaquim de Mello.

Ficamos intrigados com o caso e procurando informar-nos das razões de Joaquim

de Mello para a publicação daquele anuncio, soubemos por alguns colegas que elle alegava ter sido ludibriado pelo industrial nele visado, que depois de o ter convidado a ir para lá trabalhar mediante determinado contracto, se tinha recusado a cumpri-lo, e, como ele Mello se impuzesse para que esse contracto fosse respeitado, o industrial em questão o despedira immediatamente.

Aceitamos como boas essas explicações, verberando, como nos cumpria o procedimento desse industrial que assim fugia ao cumprimento de um contracto feito entre ele e o seu empregado.

Mas—oh! irrisão das coisas!—tínhamos já quasi esquecido esse facto tão banal dum operário ter sido ludibriado pelo seu explorador, e eis que chega até nós, enviado por um colega, o n.º 22, de 13 de Agosto findo, do jornal *O de Aveiro*, onde Joaquim de Mello esteve empregado e que da sua personalidade se ocupa a toda a extensão de tres colunas e meia de prosa.

Ficamos boquiabertos!

Pois quê? Então tinha redundado em tudo quanto pôde haver de mais baixo para o caracter de um operário que se preza aquele *revolucionario* Joaquim de Mello?

Para que a classe veja que assim foi publicaremos para a semana documentos que demonstram até que ponto essa criatura desceu, com a mira em colocar-se, prejudicando aqueles de quem se dizia amigo.

Previnam-se os colegas com poderosos desinfectantes, pois a podridão moral que vamos expôr-lhes exala um cheiro nauseabundo!

Juvenal.

Nós a explorarmos os operarios não está má! Estão aqui os livros da nossa escripturação ás ordens da *Revista Gráfica* ou da *Liga das Artes Gráficas* do Porto.

Venham ver, ou mandem, como de resto as podem ver e tem visto os que trabalham n'esta casa. E depois de verem dirão o que nós temos *explorado os operarios*.

Venham ver, mais acabam de saber o resto sobre o já agora famoso Joaquim de Mello.

Os patrões serão maus. Mas os senhores operarios também os lá tem... de se lhes tirar o chapéo.

Está salva a Patria!

Lê-se no *Seculo*:

A questão dos trigos parece ter ficado definitivamente resolvida e cremos que a contento geral. O governo tomou pelo bom caminho, com o que o paiz deve folgar. Parece que se chegou a esta combinação: "Ficam sem effeito as requisições feitas pela Manutenção Militar, comprometendo-se os lavradores a fornecerem-lhe certa quantidade de trigo necessario para o exercito. Como as fabricas de moagem do sul tinham comprado muito trigo e algumas do norte o não tem, nem ali ha farinha, assentou-se em que as do sul forneceria ao norte toda a farinha de que ali se necessita e retiraria das suas compras algum trigo para as fabricas do Porto poderem laborar. Em todo o caso, esse trigo será pago, não pelo preço official da tabella, mas pelo seu custo exacto."

D'esta sorte, os lavradores não serão prejudicados. O governo vai em breve autorisar a importação de trigo exotico, que parece não irá além de 120 milões de kilogramas.

Está salva a Patria!

O trigo será pago, não pelo preço official da tabella, mas pelo seu custo exacto. Quer dizer, o *governo engoliu tudo!* Publicou leis *superfissimas* contra aqueles que comprassem e vendessem *alem do preço da tabella*. Aconselhou a moagem do norte a que não comprasse pelo preço exorbitante que o lavrador pedia. Prometteu á mesma moagem do norte apprehender os trigos vendidos, como castigo a lavradores e moageiros do sul, que não respeitaram o preço das tabellas, trigo que seria em parte distribuido á mesma moagem do norte pelo preço estabelecido. E agora... engole tudo!

Adeus leis que comminaram *severos castigos* contra quem comprasse e vendesse por preços superiores ao da tabella! E' o proprio governo que *consente* que a moagem do sul forneça *por caridade* meia duzia de grãos á moagem do norte, não pelo preço official da tabella, mas pelo... seu custo exacto.

Quem ficou coidilhada foi a moagem do norte. O lavrador, esse, como sempre, ficou-se... a rir.

Grande povo! E grande governo!

E' dos bons

Um jornal, a *Opinião*, diz-nos:

Deprehende-se de uma passagem do editorial do Mundo que ainda o persegue o receio de viem os monarchicos a preparar um golpe que trouxesse a restauração. O receio parece-nos descabido, e desprimoroso para as nossas forças de terra e mar.

Como poderia ter que arrecear-se de uma investida monarchica, a Republica, que tem a defendê-la a nossa briosa marinha, o exercito e até o mesmo povo? Qualquer louca tentativa seria uma aventura logo repelida. Não alimente o colega vãos temores.

Este illustre barão de Catanea (ou de Catano? não sabemos bem) já tinha mettido a republica no fundo se fosse ao leme da governação publica.

A barcaça tem vindo aos tombos. Mas com elle já tinha ido ao fundo.

Valentões

Perguntamos no nosso artigo de fundo onde está a *valentice* portuguesa.

Vale a pena insistir.

No mesmo artigo affirmamos que isto é o paiz dos duellos, das facadas, das cacetadas, dos valentões e baileões.

Vale a pena insistir.

Não averiguemos se a guerra podia ou não podia ter sido evitada. O facto, o grande facto, é que ella existe. O facto, o grande facto, é que desde que ella existe, e nós estamos entalados entre a Inglaterra e a Alemanha, ou vamos para o campo da batalha, ou temos contra nós a Inglaterra e a Alemanha. Isto é que é logico. E verdadeiro. E certo.

Como olha então para traz, ainda, a valentice portuguesa? Ora essa! Eu vi sempre o portuguezinho prompto para jogar o murro. O *campo da honra*, o *ponto de honra*, eram palavras que andavam sempre na boca de janotas e jornalistas. O *codigo da honra* era decorado por tão illustres figuras. Parece que tudo n'esta terra, *tudo e todos*, deveria estar contentissimo por ir para a guerra dar *provas de braura*.

Fervia-lhes o sangue? Ahi tem, para o arrefecer.

Queriam pontos de honra, campos da honra e *codigos da honra*? Ahi os tem. E excellentes! Aquelles é que são os verdadeiros campos e codigos da honra, e os verdadeiros pontos de honra. Queriam cabeças partidas e caras esmurradas? Alii, á unha, com o allemão, o austriaco e o turco.

Pois olha para traz a valentice portuguesa? Eu não acredito.

Dizem-me que conspira todo o mundo contra a ida para a guerra. Que não gostam d'ir. Que ha mesmo illustres filhos de Marte, de olhar severo, cara d'arreganho e bigodeira façanhuda, que nem por isso andam lá muito contentes.

Não pode ser. Não acredito. Quem arriscava os focinhos e a vida por dá cá aquela palha, muito mais os arrisca pela sua patria tão gravemente comprometida.

Não pode ser. Não acredito.

Quanto ao exercito, nem se discute. Esse está fóra de toda a duvida. O official, pelo menos, é um *professional da morte*. Contava-se de alguns que, sendo increpados por não se sublevarem contra a republica, responderam a quem os increpava que *não eram officiaes para morrer, mas para viver*. Tratando-se de revoluções, é uma resposta que tem chiste e não offende. Na essencia, porém, a resposta é falsa.

O official não é para morrer nem para viver, é para combater. E considera sempre mais do que um dever, uma gloria, combater. Ora combatendo, está muito mais perto da morte que da vida. Com mais exactidão se pode dizer que official para morrer, que para viver.

Eu vi no *Odéon*, em Paris, um dos mais celebres theatros da grande capital, uma peça interessante. Intitulava-se ella *Rivoli*. E tinha como protagonista o general Boraparte, é de vêr.

Napoleão amava doidamente Josephina. Quiz vê-la, na noite que precedeu a batalha. Montou a cavallo e partiu. Josephina estava a poucas leguas de distancia. Surprehendeu a desavergonhada com um elegante capitão.

Increpou-a. Repelliu-a. E tem esta phrase subberba: *Ha uma coisa que eu amo mais do que tu e que é mais bella do que tu: a Victoria*.

Voltando-se para o capitão, n'um gesto e com palavras também admiraveis, applica-lhe este castigo, o maior e mais *deshonroso dos castigos*: *não tornar a combater*.

O que lhe roubava a honra, roubando-lhe o amor de sua mulher, *não tornaria a combater*. Era o unico castigo.

Eis o grande criterio militar. Não ha um official portuguez que, directa ou indirectamente, não só *não queira ir para a guerra*, mas que não sinta, até, gloria e prazer em ir. Ou teria de se reunir de novo o congresso, para abrir segundo ou terceiro parenthesis na constituição: *aquelle que instituísse a pena de morte no interior do territorio para o official do exercito que, n'esta hora grave, mostrasse má vontade... a combater*.

Não. O exercito está fóra de duvida. Mas tambem o está o civil. Não faltava mais nada, que, n'um paiz onde até os ministros e os deputados jogam o murro como os gallegos, faltassem agora pulsos... para a defesa do paiz.

Fezias da Nazaré

Tem lugar nos dias 7, 8, 14, 15 e 16 do corrente. Nos dois ultimos dias realisam-se as corridas de touros onde o publico admirará José Casimiro, Cadete e T. Gonçalves. As illuminações e fogos estão a cargo de industriaes de Santarem, Batalha e Certã.

Nervosismo, Neurastenia, Epilepsia, Insonia e todas as doenças de caracter nervoso. Curam-se com a

"Valeobomina Assis,"

Deposito para revender

Falcão & C.^{ta}

42, RUA NOVA DO ALMADA — LISBOA

Preço \$20

Laurinda Augusta da Costa

COM

Estabelecimento de venda de farinhas e pão de trigo, milho sementes arroz e com-pras de trigo milho e arroz.

**RUA D'ALFANDEGA
AVEIRO**

AGUA

Caldas Santas

— DE —

CARVALHELOS — TRAZ-OS-MONTES

Infalível nas molestias de pele: **In-ceras, eczemas, psoriasis, etc.**, que não admite confrontos.

Curas maravilhosas. Efeitos assombrosos nas manifesta-ções artríticas: **rism, bexiga, intesti-nos, figados e estomago.**

Grande dissolvente do acido urico. Magnifica agua de mesa.

Vende-se em caixas, garrafas de lit-ro e quarto, garrações e ao copo. Pedir livro discritivo.

Depositarario unico no distrito

Casa da Costeira

SOUTO RATOLA

— AVEIRO —

Roseiras em vasos

PLANTAS FLORIDAS

Sementes de flores e hortaliças

Construcção de Jardins, Parques, Pomares, Grutas, Lagos, etc.

CATALOGOS GRÁTIS

Alfredo Moreira da Silva & Filhos

Rua do Triunfo, 5

PORTO



MOAGEM A VAPOR

(Systema Austro-Hungaro)

DE

**Trigo, Milho e Descasque
de Arroz**

—

Christo, Rocha, Miranda & C.^a

*** * RUA D'ALFANDEGA * ***

Aveiro



Companhia Franceza das Minas

— DE —

Sortelha e Santo Estevam

Sede da Exploração: Sortelha — Sabugal

Sede provisoria da Direcção: Rua Quatro de Infantaria, 38 — Lisboa

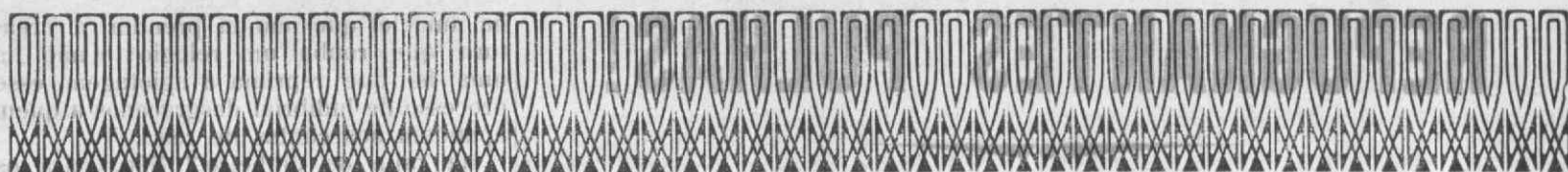
Sede Social: 61, Boulevard Haussmann — Paris

Secção A: Estanho. — Secção B: Wolfram. — Secção C: Uranio. Secção D: Arsenico. — Secção E: Ferro. — Secção F: Exploração agricola e mi-neira das propriedades da Ex.^{ma} Senhora D. Maria José Telles de Vas-concellos de Tavares Osorio.

A secção financeira da Companhia examinará sempre com o maior cuidado as propostas que lhe possam vir a ser feitas para fornecer capitais para exploração de concessões nas provincias ul-tramarinas portuguezas e consequente coloiacção, assim como para quaisquer empreendimen-tos agricolas e industriais.

Não esquecerá a esta Companhia o fomento de que careça o aproveitamento das extraordinarias riquezas minerais de Portugal

Toda a correspondencia deve ser dirigida em Portugal ao Engenheiro-Directo da **Companhia Franceza das Minas de Sortelha e Santo Estevam.** Rua Quatro de Infantaria, 38 — LISBOA.



"CARTAS DE LONGE,"

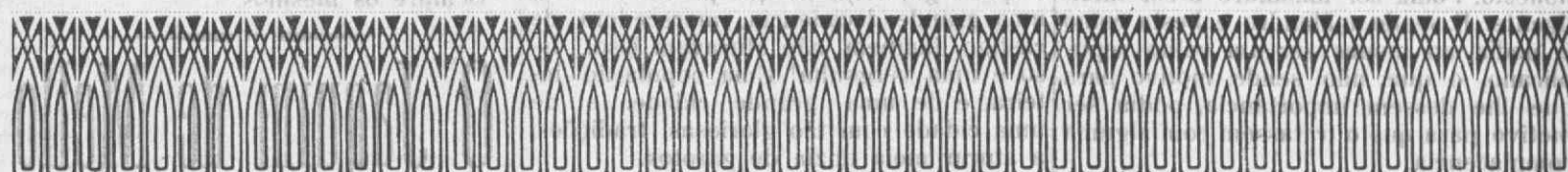
Volume de 560 paginas, tratando varios assumptos, mas em especial a instrucção secundaria em Portugal e em França, e de que é auctor o sr. **HOMEM CHRISTO.**

Preço 800 reis, excluido o porte, ou 750 reis franco de porte para os antigos assignantes do "Povo de Aveiro".

Pedidos a

Antonio Conceição Rocha, editor

Rua d'Arnellas, 69 — AVEIRO



Ovos de gallinhas hamburguezas

Quem desejar ovos d'esta raça, sem duvida a mais bonita e util gallinha de capoeira, não só pela sua plumagem mas porque é uma das melhores poedeiras, chegando a pôr 270 ovos cada anno, dirija-se a

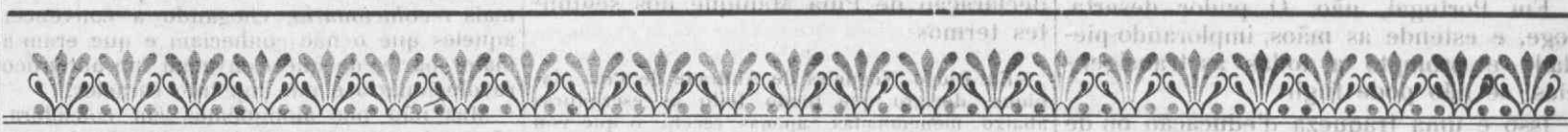
FERNANDA C. DIAS

RUA D'ARNELLAS, 69

AVEIRO

Cada ovo 200 reis

„ duzia 2\$400



Typographia Nacional

OFFICINA A VAPOR

Rua d'Arnellas -- AVEIRO

N'esta typographia, montada com material de primeira qualidade, fornecido pelas mais impor-tantes casas estrangeiras, executa-se com a maxima perfeição e rapidez todo e qualquer trabalho typographico, taes como : facturas, circulares, enveloppes, talões, bilhetes de visita, memoranduns, prospectos, mappas, jornaes e livros.

Magnifica machina de impressão

Executa-se o processo das 3 cores

